

**Mariana Miranda**

*Bodenlos*

**AFETO**

são tantas as portas  
fechadas coração escapa  
pel' que se encontra pela frente  
aberta  
alguns batem mendigam  
abertura outros  
acostumados esperam  
à espreita de olhos bem abertos  
os caçadores de afeto  
têm olho clínico  
para o descoberto  
embora a moita fechada  
seja mais segura

## ARQUEOLOGIA

precisava mexer na estrutura  
dos capítulos escrevi duas poesias  
confundi corpse com corpus  
transformei escrita em cadáver  
mumificada deixei  
e trabalhei na extração do que havia

## DESESPERO

A criança adoecia  
e na falta de ar  
via a morte de perto  
contudo ainda era pequena  
para saber do fim da vida

Na ausência de pais  
que lhe suportassem no  
também era cedo para ter a Deus  
ao menos era como se  
restou-lhe acreditar no desespero  
sendo-lhe o que havia de concreto  
palpável sensível compreensível

Não lhe cabia no corpo  
nem na noite,  
terrivelmente longa e escura  
nudez de ter nascido sem pele

Lágrimas não eram jamais suficientes  
tampouco suor ou calafrio espesso  
que diferença fazia a cara úmida,  
ter estômago e fígado  
ou o pijama encharcado?  
aguardar inerte a falta que invadia

Como se nem a existência fosse sua

Era este seu bicho papão  
que não dormia  
debaixo da cama ou na escuridão  
dentro de si residia  
e nunca soube que chave lhe abria  
tampouco como libertá-lo  
a si  
para sempre

A ausência era o que tinha de seu

## ACONCHEGUE

come  
acalma meu fogo  
contenha-me  
febril, meu tremor

respire só  
me beije lento  
abraça-se a mim  
finos lençóis e sons lentos

come  
silently or shyly  
embrace my love, my desire

come  
sente-se comigo  
só ria tolices minhas  
ria-se de mim  
para mim, toda minha

come  
compartilhe seu silêncio  
recite-me teu corpo  
no calor da noite  
sussurre – gently  
tuas poesias

## INDISTINÇÃO

meu coração fundamentalista  
dança nas bordas do infinito  
estranho natural indeciso  
não sabe ciano ou magenta  
divagando entre o alfa e vênus  
inventando doçuras de esquartejar  
opulentos beijos lentos  
na loucura fantástica  
nem sabe se inimigo  
clausura ou abertura  
se onde aqui ou distante  
a realidade sequer se imagina  
um clochard cardíaco  
alheio infinito à cara ou genitália  
persegue redemoinhos internos  
entregue ao intenso  
eterno delírio de moinhos de vento

### **amor & silêncio & vácuo**

nos assuntos do amor, das artes de cultivar o vácuo, o efeito mais importante é o sentimento de vazio. todas querem. dos iniciados no budismo aos viciados em yoga, o vazio é a suprema meta final – muitas vezes, inalcançável, devido à constante interferência da lida banal cotidiana. com suas demandas de expectativas, prospecções e prazer. sempre sempre, nada mais urgente, inadiáveis.

portanto, os amantes do vácuo estão um passo à frente de alcançarem o Satori. para isso, precisam apenas aceitar a ideia simples de se permitirem trocar de amantes. tendo uma vez desistido de conquistar qualquer persona outside themselves, passarão então a amar o vazio. e, então, encontrarão Buddha.

## **BODENLOS**

conheço bem esses invernos que se fazem por dentro. há dias em que chega a nevar. meses e anos. o estado de inércia e estagnação. há uma fonte de gelo no meio do peito. e ela reverbera. o negativo de uma fogueira. e não há cobertor, chocolate ou café que segure, que criei aresta no deserto branco. imóvel sem fundo. bodenlos. uma queda possui dentro de si todas as quedas. os invernos, quando se fazem dentro, reverberam as fogueiras negativas que nunca se apagaram.

---

Mariana Lage Miranda é professora e jornalista, doutoranda na Universidade Federal de Minas Gerais. E escritora de haikus, narrativas curtas e ensaista, publicada em diversos jornais e revistas, tais como o Suplemento Literário de Minas Gerais, o jornal O Tempo, o jornal Letras. Estreiou como romancista em 2013 com o romance *No dorso do leão*.